

Idade Média x Idade Mídia

Gislene A. S. Santos

Maria Inês Paulista

Mestrandas em Educação –

Universidade Nove de Julho – SP

Gislene_ap@hotmail.com

inespaulista@hotmail.com

Vivendo em pleno século XXI, pensamos estar tão distantes da “Idade das trevas”, como às vezes é denominada a Idade Média, que talvez nos vejamos como superiores e evoluídos em relação ao homem daquela época. Mas seremos tão diferentes daqueles que viveram treze séculos atrás, quinze séculos atrás?

O intuito deste artigo é refletir sobre as semelhanças e diferenças entre a Idade Média e a Idade Mídia, no que se refere à disseminação e divulgação do conhecimento e do saber entre esses dois períodos, com foco especial na Educação.

Tradicionalmente a História é dividida em: Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea. De acordo com essa divisão, a Idade Média compreende o período entre o século V (queda do Império Romano, em 476) até o século XV (queda de Constantinopla, em 1453). A expressão Idade Média usada para designar este período foi criada pelos humanistas do século XVI, apaixonados pela cultura clássica (grecoromana). Estes tratavam com profundo menosprezo aqueles séculos, estigmatizando-os. Ainda em nossos tempos, muitos quando ouvem esta expressão, logo pensam em fanatismo religioso, guerras, fome, peste, Inquisição e toda sorte de catástrofes. Influenciado por esse pensamento, Christian Keller, no século XVII, dividiu a História em três períodos: Antiguidade, Idade Média e Renascimento. No século XX, o historiador Jacques Le Goff afirma que a periodização da História deveria ser: Antiguidade, Medieval e Contemporânea. Defende que a Idade Média vai do surgimento do livro-codex, (escrito à mão, que substitui o pergaminho), no final do século IV, até a eclosão da Revolução Francesa em 1789.

A periodização para efeito deste trabalho seguirá a divisão tradicional e possui como pressuposto básico desmistificar esse período, designado como “idade das trevas”, época subjugada pela ignorância, oprimida pelo terror, como se nada de relevante tivesse sido criado ou desenvolvido naquele período de quase mil anos. Ressalta-se também que este olhar volta-se para o período histórico ocidental.

Atualmente, os estudos medievais têm suscitado crescente interesse entre estudiosos e leigos, movimentando sobremaneira o mercado editorial e cinematográfico. Apesar dessa fascinação, o conhecimento da Idade Média é ainda fragmentado e contraditório, levando-a a ser vítima de preconceito. Necessário lembrar que a maioria das mulheres queimadas sob a alegação de praticarem a bruxaria o foi depois da Contra-Reforma (século XVI), portanto, já na Idade Moderna.

A ascensão de Roma em grande parte deveu-se às conquistas militares, pois o exército romano possuía boa organização, ótimo armamento, disciplina e espírito de luta, pilhava os lugares conquistados, apossavam-se das riquezas e faziam do povo seus escravos. Ao mesmo tempo, o Império romano desenvolveu a organização do direito, a organização militar, a expansão da arquitetura e da educação.

A partir do século III, Roma teve vários imperadores que governaram por pouco tempo, ocasionando grave crise política com diversos assassinatos, e ocasionando crise econômica e social, sem contar um sem número de invasões sofridas pelos povos bárbaros.

Em 284 d.C., Diocleciano moveu violentas perseguições aos cristãos, pois atribuía a si próprio o caráter de sagrado. Os cristãos nesta época já eram organizados, disciplinados e não se intimidavam com as perseguições; os sangues dos mártires era a semente de novos cristãos. Quando Constantino subiu ao poder, publicou o Edito de Milão (313), dando liberdade de culto aos cristãos. A conversão de Constantino ao cristianismo foi de vital importância para sua expansão. Em 391, Teodósio tornou o cristianismo a religião oficial do Império e proibiu os cultos pagãos. No ano de 395, ele dividiu o Império em duas partes: Império do Ocidente, que tinha Roma como capital, e do Oriente, cuja capital era Constantinopla.

O Império do Ocidente foi invadido várias vezes pelos bárbaros, assim denominados pelos romanos todos os povos rebeldes à sua cultura, língua e civilização, num posicionamento de desprezo ao outro. No século V, porém com a irrupção desses povos bárbaros, o Império perdeu hegemonia e se esfacelou.

Da colisão e fusão desses dois mundos surgiu a civilização européia que misturou elementos da cultura da Antiguidade greco-romana e dos povos bárbaros, cimentado pelo cristianismo, religião que se solidificou, construiu poder de instituição, tornou-se poderosa e dominou a vida intelectual.

A invasão dos bárbaros esteve a ponto de destruir a cultura greco-romana. Conforme aponta Larroyo (1982), os rudes vencedores não possuíam sensibilidade bastante para compreender as sutis criações da arte e da ciência gregas. Por sorte, uma nova força espiritual ganhou confiança dos povos recém chegados, soube e pode salvar para o futuro os tesouros da cultura, nesta época turbulenta. Esta potência foi a Igreja Cristã. [...] Somente por via religiosa foi possível educar os novos povos, e o resultado foi que unicamente se aceitaram as idéias e o ensino acordes com os dogmas da Igreja em formação. (LARROYO, 1982, p.237.)

Nos primeiros tempos do cristianismo, a estrutura da Igreja era muito simples, os clérigos e também os bispos, eram eleitos pelos fiéis. A queda do império, sua decadência, a desestruturação política e social provocada pela debandada dos nobres em busca de segurança nas propriedades rurais, desestabilizou as instituições. A Igreja adotou um sistema de administração e um corpo de leis como o do Império ganhou força, e poder ao ser privilegiado com a concessão de um amplo território.

Ganhou poder econômico, político e religioso com as terras ofertadas por Pepino, o Breve, que iniciou um domínio expansionista do norte da Europa em direção a todo o continente europeu. Quem possuía terras, tinha poder. A Igreja tinha terras, poder espiritual, se fazia presente na vida de todos, desde o nascimento até a morte, comandando tudo com mão de ferro e tornando-se insaciável na busca de riquezas. Ao mesmo tempo, procurava atrair para si o maior número de fiéis e para esse objetivo, buscou na educação dogmática uma forma de manter as pessoas em seu ministério.

Segundo Larroyo, (1982), a Igreja tomou a seu cargo o ensino da dogmática e da história do Cristianismo. Isto no ano de 180 d.C.

Para isso, este aperfeiçoou um processo vivo e simples: o da catequese (do grego *katecheo* instruir por meio de perguntas e respostas). [...] em suas origens as *escolas catecúmenas* (de catecismo) preparavam os adultos para receber o batismo. Com o correr do tempo, as crianças passaram a fazer parte destas escolas, que ministrava instrução religiosa e ensino elementar; leitura, escrita e canto. Daí derivou a escola de Catequistas (LARROYO, 1982, p. 263).

A mentalidade medieval era conservadora. Temia as novidades e amava o tradicional, seguia o modelo da Igreja que parecia eternamente sólida, existia não sem razão a noção de pecado da novidade, ou seja, a idéia de que seria um erro querer mudar aquele mundo. Os principais instrumentos no processo de influência da Igreja foram os dogmas, iniciados em 325 no Concílio de Nicéia. Os dogmas são as verdades inquestionáveis que norteiam os católicos. No decorrer dos séculos uns foram criados, outros reafirmados, outros negados.

Em 387, Agostinho foi batizado, exercendo a função de padre no norte da África, e depois de cinco anos foi feito bispo de Hipona, cumprindo suas obrigações e escrevendo obras, que foram de suma importância para a Igreja. Com Santo Agostinho, começou a ver-se o Cristianismo como um meio de disciplina, o seu ponto de partida é a situação de conflito e de inquietude em que se acha o homem. O homem é vontade e, como tal, tem de decidir-se entre diversos propósitos, às vezes antagônicos. Diante deste conflito. A única resposta é a disciplina.

Santo Agostinho teve papel destacado e escreveu a “Cidade de Deus” e “Confissões”, influenciado pela filosofia de Platão, defendendo uma igreja voltada para os pobres, combatendo o paganismo e concebendo uma doutrina do poder espiritual acima do temporal. Foi o primeiro teórico da Igreja. Tempos depois sua teoria serviu como base para justificar e defender as cruzadas.

A Igreja influenciava sobremaneira os nobres com força material e espiritual, muitos homens com medo do inferno pela vida que levavam faziam grandes doações, outros ao morrer deixavam suas terras para o clero, e impunha também taxas e impostos aos servos além dos nobres. As idéias eram todas ligadas ao domínio cultural da Igreja Católica da época, apenas uns poucos padres e monges sabem ler e escrever livros, que eram feitos à mão.

Entretanto, foi uma instituição que realmente se preocupou com o ensino. Expandiu e preservou o saber, com as cópias de textos sagrados e profanos, não obstante tantas críticas e estigmas que cercam o saber e o conhecimento desta época. As escolas em geral ficavam ao lado dos mosteiros e das igrejas.

O paradigma medieval era: “Deus é o centro de tudo” (teocentrismo), a vida cultural estava ligada ao cristianismo, as obras de arte e os livros importantes tratavam de temas religiosos, a verdade estava sempre na Bíblia e na autoridade da Igreja, os clérigos detinham o conhecimento. No paradigma medieval, o homem era reflexo de Deus, a razão humana era reflexo da revelação divina, custodiada pelos padres e pelo Papa, verdadeiros intérpretes da Bíblia.

Graças aos monges copistas, os escritos de Platão, Aristóteles, Cícero e tantos outros foram preservados. A ordem beneditina influenciou a criação de outras ordens: os franciscanos, os carmelitas, agostinianos, dominicanos, entre outros.

Do início do período medieval até por volta do ano 750, os mosteiros preservaram a cultura greco-romana no ocidente, embora o objetivo fosse afastar essa cultura do homem comum. Nos reinos bárbaros, mesmo timidamente, as artes desenvolveram-se junto ao clero. Em meio a saques, destruições e pestes, os mosteiros mantiveram os livros e todas as reminiscências da estética clássica. Nos mosteiros beneditinos se estabeleceram as primeiras escolas para meninos e jovens da

Idade Média. Durante os séculos, VII e VIII, os beneditinos guardaram os germes de todas as futuras renascenças.

Durante o reinado de Carlos Magno (768 a 814), primeiro monarca bárbaro que conseguiu criar um império de vasta extensão e promoveu notável desenvolvimento cultural na Europa. Ele incrementou o número de escolas nos conventos e mosteiros, desejou assegurar a cultura de seu povo, mediante uma legislação educativa. Com ele surgiu a idéia de uma centralização do ensino por parte do Estado, fundou junto à sua corte e no seu palácio, a chamada escola Palatina, que serviu como modelo a outras, especialmente na França.

Estas escolas foram presididas por um eclesiástico-*scholasticus* - dependente diretamente do bispo, por isso o nome “escolástica” (ou homens da escola) dado à doutrina e à prática de ensino assim veiculada. Os alunos estudavam o texto de um grande autor do passado, interpretados pelos mestres da Igreja medieval.

Para apoio do seu plano de desenvolvimento escolar, Carlos Magno chamou o monge inglês Alcuíno (monge beneditino) que o ajudou a realizar uma grande obra de educação. Foi sob a sua inspiração que, a partir do ano de 787, foram emanados os *decretos capitulares* para a organização das escolas e os respectivos programas. Estes incluíam as sete artes liberais, repartidas no *trivium e quadrivium*. O *trivium* (trívio) compreendia as disciplinas formais, representando as ciências do espírito, as artes liberais: a gramática, a retórica e a dialética, esta última desenvolvendo-se, mais tarde na filosofia; o *quadrivium* (quadrívio) abraçava as disciplinas reais, representando as ciências do corpo e dos números que o regem: aritmética, a geometria, a astronomia, a música e mais tarde, a medicina.

Para cada matéria existiam determinadas obras fundamentais: a retórica tinha por base Cícero complementado pela leitura de alguns poetas antigos, como Virgílio, Aristóteles é o autor fundamental para a lógica. O rei, seus familiares e diversos membros da corte estudaram como alunos de Alcuíno.

(...) Sua escola palaciana em Aix-la-Chapelle, orientada pelo humanista Alcuíno, tornou-se o motor da vida intelectual para o mundo ocidental. (LYON, H.R. p.73).

Apesar de existirem as escolas episcopais, poucos a freqüentavam, não era obrigatória, e só um membro de cada família seguia os estudos. Não possuíam um sistema de alfabetização de crianças. O sistema de ensino implantado por Carlos Magno era denominado de faculdade inferior, (o trívio e o quadrívio), após o término desse curso, o aluno estava habilitado a cursar uma das faculdades superiores: medicina, direito e teologia.

Sob Carlos Magno, inspirado por Alcuíno, a educação se renovou no Ocidente. Chegou a possuir três graus:

a) *Educação elementar*, ministrada pelo sacerdote de cada paróquia (escolas presbiteriais ou paroquiais)

b) *Educação secundária*, proporcionada nos mosteiros e catedrais (escolas monásticas e catedralísticas)

c) *Educação Superior*, confiada a uma academia de sábios que instruíam na *Escola Imperial ou Palatina* e onde se preparavam os futuros funcionários. (Esta escola era itinerante; seguia a corte em seus deslocamentos). (LARROYO, 1982, p. 279).

Com a morte de Carlos Magno em 814, o Império Carolíngio entrou em decadência, ocasionando sua fragmentação e acelerando o processo de feudalização da Europa Ocidental devido às invasões magiares (conhecidos como húngaros), os piratas vikings (normandos) e pilhadores sarracenos (muçulmanos).

Conseqüentemente, estes sistemas de ensino popular foram caindo no esquecimento, agravados pela fragmentação do poder, necessidade de proteger os feudos e o ressurgimento da mística. O fenômeno da mística se distingue pelo fato religioso, apesar de se fazer presente durante os séculos anteriores, sua força e poder vão aflorar com o feudalismo.

(...) Foi nas últimas décadas do século IX, quando grupos vikings e magiares assolavam o continente da Europa Ocidental, que o termo "feudum" (feudo) entrou em uso. Foi então que em toda a França, particularmente, foram construídos castelos e fortificações privadas, erguidas por senhores rurais sem permissão imperial, para resistir aos novos ataques dos bárbaros e consolidar seu poder local. Essa paisagem cheia de castelos era, ao mesmo tempo, uma proteção e uma prisão para a população rural. Os camponeses, já vítimas de uma sujeição progressiva, agora eram levados a uma servidão generalizada. (...) (ANDERSON, Perry. P. 136).

A necessidade de proteger os feudos era uma atividade constante, pois eles eram constantemente ameaçados de invasão e precisavam ter cada qual um exército, os enfraquecia. Além da guerra, sofriam com as intempéries climáticas ou as pragas que ocasionavam diminuição nas colheitas e, conseqüentemente, padeciam com a fome e as dificuldades com a segurança. Por volta do século X, os cavaleiros obtiveram hegemonia militar e social regida por um código de honra e de conduta, criada à sombra da Igreja que lhe emprestou cunhos morais e religiosos, que mais tarde se transformariam nas cruzadas.

As cruzadas, definidas como expedições organizadas pelos cristãos incentivados pelo Papa para libertar a Terra Santa que estava em poder dos turcos (muçulmanos), eram uns conjuntos heterogêneos compostos de homens e mulheres, que tomavam o caminho do Santo Sepulcro. Vários fatores contribuía para que isto ocorresse: a Igreja pretendia aumentar seu poder e influência, a sucessão baseava-se no direito da primogenitura, e muitos nobres viam nas cruzadas um meio para obter feudos no Oriente. Os camponeses oprimidos, por sua vez, vislumbravam sua libertação, pois obtinham dois grandes perdões: das dívidas e dos pecados.

Entretanto as cruzadas só lograram êxito com a mística que se fortaleceu no período. Com a mística, a atitude religiosa vai se caracterizar pela plena submissão do homem perante a Divindade e vai acompanhado de algo maravilhoso e sobrenatural. Segundo esta concepção tudo sai de Deus e para Ele tudo volta.

Dentre as muitas atuações positivas da Igreja podemos destacar: a conservação de textos de autores gregos e latinos, a expansão do ensino, a preservação do saber, a fundação de hospitais, orfanatos e leprosários, e a imposição da trégua de Deus, proibindo guerras em determinadas épocas do ano, dentre outros.

A vida escolar se realizava nos conventos e mosteiros, os letrados eram os religiosos que interpretavam os escritos sagrados e a Bíblia e dedicavam-se ao ensino e à ação social. A Igreja detinha o saber, possuía grandes bibliotecas e escolas que formavam o contingente intelectual. O idioma oficial era o latim. A Igreja também

exercia um notável papel ideológico. Defendia idéias conservadoras e considerava a inovação um pecado. Apesar deste quadro, a Igreja tinha outro lado relevante e conquistava a confiança de nobres e servos: era ela que cuidava da vida dos desvalidos, doentes, enjeitados e velhos sem família, em locais construídos geralmente ao lado dos mosteiros e lhes proporcionava um pouco de dignidade.

Na Idade Média, diferente da concepção contemporânea, um iletrado não era necessariamente um ignorante, muitos reis e nobres não se interessavam em freqüentar as escolas. Na atualidade temos a cultura da alfabetização, mas naquela época o método utilizado era basicamente o comentário: lia-se um texto, um tratado de Aristóteles, por exemplo, segundo a matéria a ser ensinada, e depois o texto era analisado do ponto de vista gramatical, jurídico, filosófico, lingüístico, etc, dando margem a grandes discussões, convertendo-se em teses e tratados completos.

O importante não era o fato de saber ler e escrever, mas de conhecer o costume, o manejo da linguagem, a retórica, o direito, o papel principal cabe à palavra, ao verbo, a instrução é feita mais pelo ouvido que pela leitura: compreender esta concepção é compreender a educação na Idade Média.

(...) Um elemento essencial da vida medieval foi a pregação. Preguar, nesta época, não era discursar em monólogos com termos pré-escolhidos, diante de um auditório silencioso e cativado. Pregava-se em toda parte, não apenas em igrejas, mas também nos mercados, nas feiras, nos cruzamentos das estradas, pregações vivas, cheias de fogo e de fuga... (...) Um sermão agia sobre a população, podia provocar, na hora, uma Cruzada, propagar uma heresia, causar uma revolta (...). O papel didático dos clérigos era imenso; eles ensinavam aos fiéis sua história, suas lendas, sua ciência, sua fé.(...) Na Idade Média, recebia-se a instrução escutando e a palavra, a palavra valia ouro. (PERNOUD, Régine. Cap.8).

Importa ressaltar que na Idade Média quase não havia diferenças na educação das crianças de diversas condições, os filhos dos vassallos são educados com os filhos dos suseranos, isto é, as crianças de todas as “classes” eram instruídas juntas. É por isso que temos exemplos na história de personagens ilustres saídos de famílias humildes e de nobres. São Pedro Damiano, em sua infância, cuidava de porcos, o Papa Urbano VI era filho de um pequeno sapateiro, Gregório VII, o grande Papa, filho de um pastor de cabras. Entre os nobres, Ricardo Coração de Leão, nos deixou poemas, Alfonso X, rei de Espanha, foi astrônomo, escreveu obras de direito canônico e direito romano, que formaram o primeiro Código de Direito de seu país, entre outros.

Na segunda metade da Idade Média, a escolástica trouxe consigo uma importante mudança na maneira de ensinar a Ciência e a Teologia. O termo: “Escolástica” significou, inicialmente, um conjunto do saber, tal como era transmitido nas escolas de tipo clerical. A vida espiritual nesta época manteve-se numa atitude receptiva diante da cultura antiga; submeteu-se à autoridade dos pensadores clássicos, principalmente Aristóteles. Desejou ensinar a Ciência e a Filosofia e não investigar e filosofar por conta própria.

São Tomás de Aquino destacou-se com a obra “*Suma Teológica*”, foi influenciado pela filosofia de Aristóteles e defendeu de forma lógica a doutrina cristã, de acordo com os dogmas estabelecidos pela Igreja, procurando conciliar razão e fé. Foi tão influente que criou o termo escola tomista baseado em sua filosofia. São Tomás levou a um verdadeiro virtuosismo o método dialético e didático da

Escolástica. Em seu escrito de caráter pedagógico *De Magistro* assinalou as qualidades do mestre cristão e a base psicológica do processo de ensino, insistindo na participação que o educando havia de ter em sua formação física e espiritual.

Conseqüentemente o método característico da escolástica é o método dedutivo em sua forma silogística, tão própria para expor e apresentar verdades já verificadas, porém muito limitado para o descobrimento de novas idéias. É um estilo de pensar e filosofar que se estendeu por mais de seis séculos. Preocupada em demonstrar e ensinar as concordâncias entre razão e fé e eliminar as possíveis contradições das verdades transmitidas em questões de dogma pelos filósofos e teólogos oficiais da Igreja.

Segundo Larroyo (1982), a Escolástica compreende três períodos: o da formação (desde o século IX até fins do século XII); o apogeu (1220 a 1347), época da fundação dos grandes sistemas escolásticos, e o de decadência (até últimos anos do século XV), caracterizado pela reprodução das doutrinas da fase precedente.

O sistema de educação da Idade Média era propenso, portanto, a perpetuar-se, como todos os outros sistemas estabelecidos. Mas outros tipos de educação foram importantes nesta época além dos advindos das instituições religiosas.

A educação dos cavaleiros, as escolas de trovadores, a educação gremial tiveram grande importância na constituição da vida na Idade Média. Esses tipos de educação possuíam objetivos e ideais diferentes daqueles da educação conventual.

A educação dos cavaleiros cuidava da formação espiritual e da formação física: era musical e guerreira. A formação espiritual não possuía caráter científico, mas estético; inspirava-se nas grandes epopéias e nos cânticos dos trovadores, como Alexandre o Grande, o Rei Artur e outros. Privilegiava-se o refinamento e a etiqueta. A formação física tinha como objetivo o manejo das armas e a destreza para a luta. Aprendiam: a nadar, cavalgar, caçar, atirar com o arco, praticar a esgrima. Começava a educação desde criança.

A escola de trovadores surgiu como uma conseqüência do refinamento das mulheres e da alteração dos costumes palacianos, com uma nova maneira de honrar e namorar a dama. Era o jogo da luta por amor, sem armas, uma esgrima de frases delicadas e versos incitantes. O amor tornava-se pleno de formas estéticas no dizer e no agir. Iniciada na França espalhou-se esta educação por toda a Europa e realizavam-se torneios poéticos com os trovadores.

A educação gremial era assim denominada porque os artesãos de um mesmo ofício se reuniam em associações chamados grêmios. Cada grêmio possuía seu estandarte, seus regulamentos, sua caixa comum, assim como seu patrono, sempre um santo. Para a associação dos carpinteiros o patrono era São José, para os pescadores, o patrono era São Pedro, para os sapateiros, São Crispim. O grêmio através de seu chefe cuidava da provisão de matéria prima, da venda dos artefatos e entre outros serviços prestados pelo grêmio estava a educação dos filhos dos agremiados. O ensino ministrado era técnico, industrial e comercial. Realizava-se na vida cotidiana das oficinas e empresas.

Começava o aprendiz ainda criança na casa ou oficina do mestre que além de ensinar a profissão também atendia às suas necessidades de alimentação, roupa e alojamento. Os conhecimentos técnicos eram assimilados e aperfeiçoados durante anos de aprendizado nas corporações de ofício. Este profissional, depois de adquirir conhecimentos, era denominado mestre, possuía muitos aprendizes, que “estudavam” anos até se tornarem mestres, e certamente não poderia ser chamado de ignorante. Gentes do povo iletradas citavam em suas canções, Ulisses e Penélope entre outros.

A educação das mulheres merece ser mencionado apesar de restringir principalmente às de condições nobres e de caráter religioso. Elas se preparavam para o exercício religioso nos mosteiros e para serem instrutoras de outras mulheres. A partir do século XII, os beneditinos deram um novo impulso à educação da mulher, com uma instrução sistemática para moças que não iriam participar da vida religiosa. Para isso organizaram duas escolas: uma interior para a formação de suas noviças e uma exterior para as moças da sociedade. Aprendiam a ler, recitar, tocar cítara, harpa e os requintes da cortesia em sociedade.

No século XIII o progresso interno das escolas monásticas, o vigoroso influxo da Ciência e da Teologia árabes e a organização gremial da sociedade, propiciaram o desenvolvimento das universidades européias. A cultura árabe mais desenvolvida que o do ocidente, em virtude de seus centros de investigação científica libertos das correntes religiosas católicas, atraía sábios e estudantes cristãos. Essa aproximação entre a cultura do ocidente com a do oriente foi possível, sobretudo pelo movimento das Cruzadas.

As principais universidades surgiram em cidades como Oxford (Inglaterra) Paris (França), Bolonha (Itália), Coimbra (Portugal). Eram protegidas pela Igreja, por grandes senhores feudais e por moradores ricos das cidades. Nas universidades se estudava Medicina, Direito, Teologia (estudo da Bíblia e das idéias racionais sobre a religião cristã), Filosofia. As ciências da natureza não eram muito desenvolvidas e nas universidades.

(...) Estas Universidades são invenções eclesiásticas, como que a continuação das escolas episcopais, com a diferença que elas dependerão diretamente do Papa, e não do bispo local. (...) Criada pelo papado, a Universidade tem características inteiramente eclesiásticas: os professores pertencem todos à Igreja, e as duas Ordens religiosas que a iluminam no século XIII, Franciscanos e Dominicanos, conhecerão aí grandes glórias, com um São Boaventura e um São Tomás de Aquino. (PERNOUD, Régine, cap 8)

Os estudantes universitários eram filhos de nobres e pobres e vinham da Europa inteira. Os ricos moravam na cidade com seu empregado, os sem recursos moravam em pensões, tinham isenção das taxas cobradas pela universidade e faziam trabalhos de copista, ou encadernador para sobreviver. Entretanto tinham todos que ter boa memória, o estudo era rigoroso, a disciplina rígida. Eram muitas vezes considerados vagabundos, arruaceiros, alguns andando de universidade em universidade em busca de saber.

As ciências, apesar de serem incentivadas, nunca se libertaram do jugo religioso. As questões relacionadas com a natureza eram levantadas para elucidar um problema religioso. As investigações e descobertas passavam pelo crivo da Igreja, e sempre relacionado ou sancionado por ela, mas não deixaram de investigar e estudar, mas foram censuradas.

Os alunos e os mestres estudavam os grandes textos que o debatiam, porém não questionavam a autoridade deles era absoluta. Foi por isso que, séculos mais tarde, a escolástica foi acusada de dogmática. O mais significativo é que as universidades apresentavam uma grande novidade: aos poucos, a vida intelectual deixava de ser totalmente ligada à Igreja. O pensamento ganhava autonomia em relação à religião.

A estrutura e grau da universidade contemporânea muito se assemelham à da Idade Média. As universidades estavam organizadas academicamente à base de

faculdades. Compreendia a integração de quatro faculdades: Teologia, Direito, Medicina e Artes. Um chefe comum, eleito periodicamente, intitulava-se *reitor*, por sua parte, cada faculdade se achava representada por um *decano*.

Como explicita Larroyo (1998), a conclusão dos diversos ciclos de estudos, na universidade, dava o direito de receber *graus acadêmicos*. O primeiro destes era o *bacharelado*; depois se outorgava a *licenciatura* que já permitia aspirar ao cargo de *magister* na faculdade. O *doutorado* era o terceiro e último grau. A dignidade magistral e doutoral exigia uma promoção solene; o barrete, a toga, o anel e o livro. (LARROYO, 1998, p.332)

O método da pedagogia universitária compreendia três fases intimamente ligadas: lições, repetições e disputas. A *lectio* consistia numa exposição de certos livros tomados como base de ensino (livros canônicos). Depois vinham as repetições, que eram as explicações e comentários das partes difíceis da lição, em forma de diálogo entre mestres e alunos. Como meio de julgar o aproveitamento, bem como recurso instrutivo, existia o *disputatio*. Este era um magnífico expediente para desenvolver a destreza dialética. (LARROYO, 1982, p.332).

A universidade representou uma das grandes forças da Idade Média, estimulava a cultura superior do espírito, representava a opinião pública em assuntos científicos e dos problemas políticos e eclesiásticos e intervinham no governo dos papas e reis. Como possuía um caráter de ensino oral, estimulava os indivíduos a formarem e sustentarem opiniões próprias.

Incontestavelmente, a cultura medieval foi disseminada, influenciada, regida pela religião cristã. Seus benefícios ou malefícios estão postos. O objetivo do resgate histórico é desmistificar o período preconceituosamente chamado de “idade das trevas”, trazendo algumas contribuições que apontem para sua compreensão e perceber que o homem está sempre em busca do aperfeiçoamento mesmo através de tantos erros.

Essa busca do aperfeiçoamento humano guiou o homem por séculos e séculos até nosso tempo, por meio da educação a qual é um processo e ainda está em andamento. A comparação, em linhas gerais, entre duas épocas pode auxiliar nossa reflexão. Nesse sentido, vale a pena pensar na Idade Média em contraste com a “Idade Mídia”. Ao adentrar na história verifica-se que o século XX foi o século das invenções — a mente humana superou todas as outras épocas em termos de tecnologia e descobertas para o aperfeiçoamento da humanidade. Esse fato possibilita a idéia de um “Idade Mídia”, ou seja, uma sociedade movida pela mídia como diz Gabriel Perissé:

Vivemos num tempo em que aumenta o número de tecnômade, pessoas que se deslocam e, simultaneamente, trabalham/convivem/informam-se/divertem-se com o auxílio da tecnologia. Um tecnômade toma decisões pessoais e profissionais enquanto fala pelo telefone celular, andando na rua; dirige em cidade desconhecida tendo como cicerone um navegador GPS e seus mapas digitais; ouve músicas, vê fotos e vídeos em um iPod; conclui um relatório e o envia do saguão do aeroporto graças ao laptop; leva armazenados no seu pen drive textos, sons, imagens que lhe serão úteis para diversas finalidades... (Perissé, 2008, p 96)

O homem atual vive de uma maneira inimaginável para o de outros tempos, mas apenas isso não permite nomear este tempo como Idade Mídia. O que realmente

torna esta época a era da Mídia? A resposta a esta indagação não aparece facilmente, contudo pode-se considerar alguns fatores que corroboram essa denominação.

Em um artigo para a Interface, Antonio Albino Canelas Rubim escreve sobre a contemporaneidade da Idade Mídia, relacionando alguns fatores que possibilitam a idéia de uma Idade Mídia, os quais se apresentará aqui resumidamente:

- 1 A Expansão quantitativa da comunicação.
- 2 Diversidade das novas modalidades de mídia presentes no espectro societário, nas modalidades diferenciadas de mídia existentes e na história recente de sua proliferação e diversificação.
- 3 Papel desempenhado pela comunicação midiaticizada (como modo de experienciar e conhecer a vida, a realidade e o mundo, a exemplo do número de horas que os meios ocupam no cotidiano das pessoas
- 4 Presença e abrangência das culturas midiáticas como circuito cultural, que organiza e difunde socialmente comportamentos, percepções, sentimentos, ideários, valores, etc.
- 5 Ressonâncias sociais da comunicação midiaticizada sobre a produção da significação (intelectiva) e da sensibilidade (afetiva), sociais e individuais.
- 6 Prevalência das mídias como esfera de publicação.
- 7 Mutações espaciais, temporais provocadas pelas redes midiáticas, na perspectiva de forjar uma vida planetária e em tempo real.
- 8 Crescimento vertiginoso dos setores voltados para a produção, circulação, difusão e consumo de bens simbólicos. (Rubin, 2000, p. 29-30)

Em outras palavras, tudo hoje gira em torno da mídia, inclusive a Educação. A criação da Internet torna esta época cada vez mais dependente da mídia e de suas tecnologias. Não se pode imaginar o homem atual sem seus aparatos eletrônicos. É nesta perspectiva que se usará a expressão Idade Mídia. Compará-la à Idade Média ultrapassa o limite do simples trocadilho.

Uma das primeiras diferenças a destacar é que a mentalidade medieval era conservadora. Temia as novidades e amava o tradicional, em contrapartida, a mentalidade de hoje tende a afastar-se do conservadorismo e do tradicional. A novidade é idolatrada, ao mesmo tempo que é também passageira, pois uma era que vive do novo faz a passagem do novo ao velho com rapidez, tornando tudo efêmero, como a própria arte contemporânea o demonstra na utilização de materiais como gelo, chocolate e outros para esculpir suas obras, matéria bem distante do mármore de outros tempos. O mesmo pode se aplicar ao saber — tudo precisa ser aprendido velozmente e o que mais se ouve é que não há tempo para o aprofundamento, para o saborear do conteúdo, porque outras novidades ou temas a conhecer se impõem.

Outra diferença, a Igreja influenciava sobremaneira com força material e espiritual, agora essa influência ainda existe, porém em menor intensidade e não está apenas na religião Católica, mas se divide entre outras denominações. No entanto, ainda há homens com medo do inferno e que fazem grandes doações querendo garantir seu “lugarzinho” no céu. As idéias eram todas ligadas ao domínio cultural da Igreja Católica da época. A cultura, no presente, é domínio da mídia que tanto serve como suporte da mesma como divulgadora das diversas culturas existentes em todo mundo propondo aos seus usuários conhecer a cultura de diferentes lugares em sua própria casa somente com um “clik”.

Apenas uns poucos padres e monges sabiam ler e escrever livros que eram feitos a mão, na época atual, há publicações inteiras acessadas pela Internet, qualquer um pode escrever diários, blogs, criar livros de poesia, sites de debates e divulgação

de ideias. Enquanto naquela época poucos tinham acesso a leitura e a escrita, hoje a lei conduz a erradicação do analfabetismo e frases como “Todos na escola”; “precisamos formar leitores”; “precisamos tornar os alunos escritores proficientes” fazem parte do cotidiano, principalmente do escolar.

Um outro dado é a vida cultural que estava ligada ao cristianismo, as obras de arte e os livros importantes tratavam de temas religiosos, a verdade estava sempre na Bíblia e na autoridade da Igreja, o saber estava confinado, as poucas pessoas cultas eram clérigos. Desde a teoria da Relatividade a verdade passou a ser relativa depende da teoria que se segue, qual aspecto é abordado, ou seja, na época presente, a sociedade não crê em uma verdade absoluta, tudo é relativo. O ponto positivo nesta relatividade é que todo o tipo de arte (popular e clássica etc) tem o seu valor, e os indivíduos podem escolher qual a filosofia que mais condiz com seu estilo de vida. Já o acesso à escola conduz, pelo menos teoricamente, o indivíduo a possibilidade de acessar a cultura escrita e qualquer um pode se tornar culto.

Na Idade Média, apesar de existirem as escolas episcopais, poucos a freqüentavam, não era obrigatória, e só um membro de cada família seguia os estudos. Não possuíam um sistema de alfabetização de crianças. Na Idade Média todos tem o direito e o dever de freqüentar a escola, parafraseando a LDB (Lei de Diretrizes Bases da Educação Nacional 9394/96) “A educação direito de todos dever da família e do Estado”, vários sistemas de alfabetização foram e são desenvolvidos. Além da escola hoje pode-se contar com a Internet para conseguir conhecimento. Às vezes, com o auxílio da mídia a pessoa nem precisa estar presente em uma aula para obter conhecimento, o corpo e as relações são aos poucos substituídos pelo virtual, os cursos a distância permitem o acesso ao saber sem a necessidade de ter dia e horários para participar de aulas presenciais, mas não é só a aula que faz parte desta nova relação virtual, uma boa parte dos relacionamentos são mantidos a distância, amigos virtuais são encontrados todos os dias nos sites de relacionamentos, até namoro virtual já se tem.

Diferentemente da concepção contemporânea, na Idade Média um iletrado não era necessariamente um ignorante, muitos reis e nobres não se interessavam em freqüentar escolas. Na atualidade tem-se a necessidade de possuir um diploma. Todavia possuir um diploma não consiste em ser um especialista, pois com a imposição do diploma a qualidade de alguns cursos nem sempre é mantida, isso também tornou o conhecimento uma moeda de troca, ou uma colocação no mercado de trabalho.

Contudo, não se tem apenas diferenças entre a Idade Média e a Idade Média, por exemplo, a estrutura e graus da universidade contemporânea muito se assemelham à da Idade Média. As universidades estavam organizadas academicamente à base de faculdades. Compreendia a integração de quatro faculdades: Teologia, Direito, Medicina e Artes. Um chefe comum, eleito periodicamente, intitulava-se *reitor*, por sua parte, cada faculdade se achava representada por um *decano*.

Uma outra semelhança é apontada por Jean Lauand em sua resenha sobre o livro *Trivium e Quadrivium - as Artes Liberais na Idade Média*, sendo muito interessante, pois o autor aponta como um ponto de igualdade a preocupação com o currículo clássico, estando este nas mãos dos bárbaros, quem se preocuparia em conservá-lo?

“Há um outro ponto importante em que a experiência da educação medieval guarda certa semelhança com os problemas que enfrentamos hoje: trata-se - sobretudo nos princípios da Idade Média - de uma situação em que o

patrimônio cultural e humanístico da antigüidade corre o risco de, pura e simplesmente, desaparecer. O desafio da educação medieval são os bárbaros, que ocupam o espaço do extinto Império Romano: que atitude terão para com "o currículo" clássico? Que acesso - psicológico e até físico - teriam eles, digamos, à Geometria de Euclides ou a Aristóteles?" (Lauand) ¹¹

O autor diz que o mesmo acontece conosco, comparando-nos aos ostrogodos a quem Boécio tenta, em um projeto desesperado, transmitir o mínimo da civilização clássica. Lauand pergunta quem lê os clássicos e aponta medidas como oferecer o clássico em parques para a população como medidas medievais.

Não é de estranhar, portanto, que a obra contemple, em diversos capítulos, o grande educador Boécio, o "último romano, o primeiro escolástico", em seu quase desesperado projeto pedagógico de transmitir aos bárbaros um mínimo que fosse da civilização clássica. Boécio renuncia ao brilho que poderia ter, como pensador e homem de ciência, para instalar-se no reino dos ostrogodos e tentar ensinar-lhes os rudimentos do quadrivium. Nós, hoje - novos ostrogodos, pragmáticos e com requintes tecnológicos -, podemos estar seguros da sobrevivência dos clássicos? Quem hoje lê Platão ou Dante? Quem estuda Geometria? Projetos contemporâneos minimalistas, de resumos e antologias (como os Great Books) ou, digamos, de concertos populares em parques públicos são, no fundo, medievais. (Lauand) ¹¹

Novamente, pode-se apontar aqui a desculpa da “falta de tempo”, porque quem teria tempo de ler um complexo e volumoso livro, quem se preocuparia em aprofundar-se em seus saberes exposto há anos atrás, quando podem simplesmente obter alguma informação sobre tais assuntos com um “olhadela” na Internet, o que permitiria falar superficialmente do assunto que na verdade desconhece, portanto considerando este aspecto, as considerações de L.J. Lauand contribuem muito para o tema aqui abordado.

Mas a reflexão proposta anteriormente não faria sentido se na comparação entre as duas épocas não fosse observado a relação do adquirir conhecimento, de acordo com Perissé:

Na Idade Mídia, temos à disposição novas formas de aprender que extrapolam as paredes da sala de aula e das bibliotecas. Além de bons documentários e programas culturais na TV, além do cinema, multiplicam-se sites, blogs, wikis, redes sociais que promovem interação{...} (Perissé, 2008, p. 143)

Todavia, toda essa gama de informações produz o saber? Saber no sentido de saborear do latim *sapere*, ter sabor, ciência, conhecimento específico; ou um conhecimento apenas superficial e supérfluo, o qual não gera saber. Neste aspecto a Idade Mídia se parece muito com a Idade Média, pois na última o conhecimento não era divulgado para todos, o saber era algo para ser saboreado por poucos, pois os

demais não tinham acesso as informações, portanto ao saber, e assim são denominados por nós, muitas vezes, ignorantes da “era das trevas”, mas será que nos que acessamos a informação tão veloz e facilmente, realmente alcançamos o saber, ou será que o amontoado de informações que perpassam nossos olhos e mente todos os dias não tem nos afastado do saber, porque na era midiática não há mais tempo para saborear o ensinado, o aprendido.

Desta forma, esta era se torna tão ignorante quando a outra, a Idade Média por não proporcionar o acesso às informações, a Idade Mídia por não se preocupar em “saborear” o saber das informações que acessa, como diz Perissé: “As trevas da Idade Mídia são as trevas do nosso vazio comunicativo. Fala-se muito e diz-se pouco. Transmite-se muito e orienta-se pouco. Informa-se muito e ensina-se pouco”. (Perissé, 2000). Isso corrobora a discussão que se tem levantado neste trabalho sobre alguns aspectos que diferenciam a Idade Média da Idade Mídia.

^[1]Os textos citados são de Jean Lauand e foram extraídos da página <http://www.hottopos.com/spcol/medieval.htm>

Referências

- ANDERSON, Perry. *Passagem da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- ANTONETTI, Guy. *A economia medieval*. São Paulo, Atlas, 1997.
- ARIÉS, Philippe e DUBY, Georges. *História da Vida Privada*. São Paulo, Companhia das Letras, vol.2, 1990.
- BURMAN, Edward. *Templários: os cavaleiros de Deus*. São Paulo, Record, 1994.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. *Idade Média: o nascimento do ocidente*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- _____. *O feudalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- GRAMSCI, Antonio. Caderno 12. São Carlos, UFSCar, 1989.
- LARROYO, Francisco. *História Geral da Pedagogia*. São Paulo, Mestre Jou, 1982.
- LAUAND, L.J. Currículo e reformas curriculares. <http://www.hottopos.com/spcol/medieval.htm>. Acesso em: 19 mar 2009.
- LUTERO, Martim. *Educação e Reforma*. Porto Alegre, Sinodal, 2000.
- LYON, H. R.(Org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.
- MELLO, José Roberto. *O império de Carlos Magno*. São Paulo, Ática 1990.
- _____. *As cruzadas*. São Paulo, Ática, 1989.
- MOCELLIN, Renato. *Para compreender a história*. São Paulo, Editora do Brasil, 1989.
- MOISÈS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo, Cultrix, 1984.
- MONTEIRO, Hamilton. *Feudalismo: economia e sociedade*. São Paulo, Ática, 1986.

PERISSÉ, Gabriel. *Introdução a Filosofia da Educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

_____. As trevas da Idade Mídia. <http://www.Kplus.cosmo.com.br>. Acesso em: 7 mar 2009.

PERNOUD, Régine. *Luz da Idade Média*, cap.8 *O ensino na Idade Média*, tradução PERMANÊNCIA.

READ, Piers Paul. *Os templários*. Rio de Janeiro. Imago Ed., 2001.

REZENDE, Cyro de Barros Filho. *Guerra e poder na sociedade feudal*. São Paulo, Ática, 1990.

RUBIN, A.A.C. *La contemporaneidad "medieval"*; Interface – Comunicação, Saúde, Educação, v.4, n° 7, p.25-36, 2000. <http://www.bahia.com.br/servlet/open?>

SILVA, Francisco C. Teixeira. *Sociedade Feudal: Guerreiros, sacerdotes e trabalhadores*. São Paulo, Brasiliense, 2003.

SILVA, Victor Deodato da. *Cavalaria e nobreza no fim da Idade Média*. Belo Horizonte| São Paulo, Itatiaia\ Edusp, 1990.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

(recebido para publicação em 31-03-09; aceito em 08-04-09)